



Apresentação

Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) introduziu a acepção moderna de Estética definindo-a como a ciência do conhecimento sensitivo, podendo ser inata ao indivíduo – o belo talento inato – ou adquirida pelo ensino ou por meio da prática, sendo que, no segundo caso, ela tem como fim a perfeição do conhecimento sensitivo como tal. Assim, parece que pensar em uma Estética, no sentido dado por Baumgarten como algo adquirido, requer relacioná-la com a Educação, especialmente se este diálogo compreender a tradição contida nos termos *paideia* e *bildung*.

Talvez, por isso, abarcar a concepção grega da Estética seja importante. Antes, contudo, é bom frisar que a doutrina da arte grega era denominada de *poética*, ou seja, arte produtiva, ainda que ela tenha um caráter imagético ou mimético. (ABBAGNANO, 2003, p.367). Werner Jaeger identifica, no livro *Paideia*, que o povo grego tinha um espírito artístico peculiar, primeiro por conta da poesia de Homero e de Hesíodo, depois por causa da fala (linguagem). Nas duas situações, buscava-se educar as futuras gerações ensinando-lhes a virtude. O ideal educacional contido na poesia e na retórica sofista colaborou para que os gregos constituíssem um modelo educativo que procurasse materializar, em cada cidadão, os valores necessários para que agisse da forma mais sublime possível diante dos dilemas citadinos. Em outros termos, Educação e Estética unem-se para constituir o ideal de Homem, aquele dotado de razão e virtude necessárias para agir na *pólis* de forma correta, ideal que é expresso, do ponto de vista conceitual, nos textos de Platão e de Aristóteles.

No Renascimento, o movimento intelectual denominado de Humanismo pautou as transformações em curso, especialmente na Educação. O Humanismo é um movimento literário e filosófico que tem no indivíduo a medida de todas as coisas, no sentido dado por Protágoras, como também compreende o Homem como uma totalidade. Esta conceituação partiu da releitura dos filósofos da antiguidade, particularmente gregos e romanos. Além disso, incorporou elementos nascentes ao

pensamento educativo da época, especialmente os cuidados com o corpo e a inclusão dos progressos da ciência aos conteúdos educativos. Não obstante, a valorização das línguas clássicas e o emprego da razão para equacionar questões de ordem moral, permitiu ao Humanismo pautar as discussões filosóficas em torno da Educação a partir de uma “nova” perspectiva estética.

Na Modernidade, após as reflexões do próprio Baumgarten, de Hume e Kant, os estudos filosóficos em torno da Estética ganham certa independência; apesar disso, seu aspecto educativo foi preservado, mantendo parte do sentido dados pelos antigos à educação estética. Busca-se, cada vez mais, ensinar o indivíduo a agir moralmente, conduzindo-se pela reta razão. De igual modo, os conteúdos educativos são utilizados para ensinar a verdade científica, além de valorizar o aspecto corporal, seja por meio da Educação Física ou da Educação Artística. Nesta conjuntura, o tripé que alicerça o projeto Moderno para a educação – educação moral, instrução e educação corporal - compõe o ideal formativo a ser constituído.

No mundo atual, mantém-se a busca de formar (*bildung*), via processo educativo, o homem com base em um ideal de Homem. Contudo, o termo *bildung* foi reduzido, de forma geral, ao aspecto profissional, condição imposta pelo progresso da técnica para a sociedade de massas. Pensar em uma educação estética ou em uma estética da educação converte-se em compreender a sociedade administrada, como também decifrar os caminhos que podem conduzir cada indivíduo à sua própria libertação.

Percebe-se, após esta breve caracterização, que o presente dossiê foi concebido para problematizar, à luz da tradição filosófica, as questões estéticas que giram em torno da educação. Para tanto, foram convidados pesquisadores de diversas universidades do país e do exterior, que contribuíram com 10 (dez) textos e uma tradução inédita.

O primeiro tem como título *Educação, maioria e democracia em Th. W. Adorno*, de autoria do jovem doutor Adriano Januário. O artigo discute elementos importantes da obra adorniana, particularmente porque apresenta a posição que a educação ocupa nos textos tardios do teórico crítico.

O texto seguinte tem Alexandre Filordi Carvalho como autor. Com o título *Da semiótica capitalista à estética esquizopolítica: Guattari e o lugar da invenção de si mesmo na microrrevolução do desejo*, o docente da UNIFESP recorre à obra de Félix Guattari para analisar como a estética contemporânea é produzida pela semiótica da máquina capitalista.

A professora Ângela Santi (UFRJ) contribui com o dossiê expondo uma reflexão acerca da relação presente na obra benjaminiana entre Estética e Educação. A afirmação feita por Walter Benjamin, no livro *Pequena história da fotografia*, de que o “analfabeto do futuro será o que não sabe fotografar” a instigou a desenvolver uma reflexão em torno do assunto, como também relatar uma prática educativa. Nas duas situações, caracteriza o que ela denomina de analfabetismo docente.

O quarto texto foi escrito pela professora Christine Arndt (UFS). Tendo como referencial teórico a *Filosofia das Luzes*, a pesquisadora desenvolve uma argumentação em torno do verbete *Educação* contido na *Enciclopédia*. Assim, ela procura demonstrar como este verbete reflete a efervescência existente no debate educativo da França do século XVIII.

Daniel Figueiras (UFPB), com base nos textos platônicos, expõe a discussão em torno do processo de reminiscência da alma por meio das imagens, que, segundo Platão, tem a função pedagógica de recuperar parte das reminiscências, desvelando-as. Para construir a argumentação, além de pautar elementos estéticos e educativos, o autor recorre a elementos da epistemologia platônica.

O artigo de Danilo Pimenta, na sequência, esboça elementos estéticos da filosofia de Albert Camus. O ponto de partida da sua argumentação é pautado no conceito de imagem, perpassando por temas centrais do Existencialismo, como natureza, essência e condição humana.

A contribuição de Maria Emanuela Esteves (UFSJ) é alicerçada na obra filosófica de Michel Serres. No texto intitulado *As contribuições de Leibniz para o pensamento da multiplicidade na obra de Michel Serres*, a autora destaca a abordagem do múltiplo, conceito fundamental na obra do filósofo francês, tido como um modo de abordagem da realidade em sua dimensão pluralista em princípio.

Já a professora Mariana Batista (ESEBA/UFU) expõe o pensamento educativo de Cecília Meirelles, no artigo *Educação estética e teatro: uma leitura nas crônicas de Cecília Meireles*. Para a literata, a formação estética da criança tem relação direta com a própria formação humana, o que requer educar a sensibilidade. Como condição, o teatro, a literatura, as artes plásticas, a música e as outras expressões artísticas convertem-se em recursos metodológicos fundamentais para o processo educativo.

O penúltimo texto foi produzido por dois autores. Samuel Mendonça e Felipe Adaid, ambos da PUC/Campinas. Intitulado *Experiência e educação no pensamento*

educacional de John Dewey: teoria e prática em análise revela a importância de experiência para Dewey, tornando-se peça angular do seu pensamento educativo.

O último artigo é composto por uma apresentação e a tradução inédita de um texto de Voltaire, a saber, *Educação das meninas*. O duplo trabalho foi feito pelo docente Vladimir de Oliva (UFS) que defende o argumento de que Voltaire se dispõe a colaborar com o aperfeiçoamento moral da humanidade, tendo na educação estética um instrumento fundamental

Como editor do dossiê, espero que o leitor da *Revista Prometeus* possa encontrar neste material uma importante fonte bibliográfica, como também uma fonte inspiradora para novas reflexões filosóficas em torno da Estética e da Educação.

Seguem ao dossiê os artigos de fluxo contínuo.

Prof. Dr. Christian Lindberg
Editor do dossiê

REFERÊNCIAS

DUARTE, R. (org.). *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SUAREZ, R. *Nota sobre o conceito de bildung (formação cultural)*. In.: Revista Kriterion, n.112, dez. Belo Horizonte, 2005. p. 191-198.